

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR – INFES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – PPGEn

**EPISTEMOLOGIAS E *INVISIBILIZAÇÃO* DOS ATENDENTES DE
ENFERMAGEM DA CASA DE CARIDADE DE CARANGOLA - MG**

Linha de pesquisa: Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes

Orientadora: Maristela Barenco Corrêa de Mello

Carangola

2016

EPISTEMOLOGIAS E INVISIBILIZAÇÃO DOS ATENDENTES DE ENFERMAGEM DA CASA DE CARIDADE DE CARANGOLA - MG

RESUMO

Tendo como pergunta de partida como se dava a prestação de serviços de enfermagem na casa de Caridade de Carangola, o presente trabalho visa investigar e identificar a trajetória dos atendentes de enfermagem, sua importância na prestação de cuidados, seus valores e fazeres epistemológicos, presença fundamental sem a qual nada funcionaria na instituição e a *invisibilização* deste segmento com um consequente *epistemicídio* ocorrido pela exigência de um diploma escolar de nível fundamental para o ingresso dos atendentes no curso de auxiliar de enfermagem ou nível médio para técnico. Através de pesquisa qualitativa pretende-se conhecer estes saberes e fazeres, bem como o processo de deslegitimação *indolente* e o legado desse segmento extinto para a assistência e os cuidados de enfermagem em uma instituição fundamental para uma região abrangente entre três estados da federação MG, RJ e ES.

Palavras-chave: Atendentes de Enfermagem. Escolarização. *Epistemicídio*. Casa de Caridade de Carangola. *Invisibilização*.

INTRODUÇÃO

Memória e história se confundem em nosso cotidiano. Le Goff (1994, p.477), afirma que “ a memória é onde cresce a história que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o futuro”. Assim, para mantermos as nossas referências socioculturais faz-se necessário o registro dessas memórias para que as mesmas não se percam no tempo.

O desenvolvimento dessa pesquisa tem como objetivo de estudo o segmento extinto de enfermagem chamado de Atendentes de Enfermagem, com enfoque central na década de 70 aos dias atuais, da casa de Caridade de Carangola, instituição fundada em 1907 na Zona da Mata Mineira pioneira no atendimento na área de saúde. Devido a localização geográfica, proximidade com o Noroeste do estado do Rio de Janeiro e sul do Espírito Santo, a cidade adquiriu projeção interestadual no atendimento aos enfermos em toda essa região.

Composto principalmente por pessoas de origem economicamente pobres, negros, mulheres e outras opções de gênero, muitos profissionais vinham de outras atividades profissionais e viam na enfermagem uma perspectiva de mudança de *status quo* onde a garantia de sobrevivência e o vislumbre de ser conhecido e tratado pela sociedade como enfermeiro o que legalmente não eram pois, não possuíam formação e nem título acadêmico para tal tratamento, isto numa perspectiva atual pois, na época esses profissionais eram socialmente legitimados como “enfermeiros”. Nesse contexto, sair de determinados setores do hospital e/ou da sociedade local e adentrar para a enfermagem representava uma mudança significativa, visto que seriam “enfermeiros”, vestiriam branco e estariam ao lado do médico/doutor de origem elitista aristocrata/burguesa e teriam todo um contexto sócio-histórico pertinente ao ser enfermeiro.

Os Atendentes de Enfermagem iniciavam geralmente sua vida profissional dentro do próprio hospital como faxineiros, cozinheiras ou copeiras e estavam, a priori, psicologicamente ambientados com a dura realidade de um hospital, fronteira esta que deveria ser ultrapassada “pelos de fora”. Isso se concretizava de maneira gradual: aprendendo aos poucos a dar banho de aspersão e banho de leito, ministrar a alimentação, fazer curativos, auxiliar na punção venosa ou medicações intramusculares para ministrar medicações analgésicas e antitérmicas, aferir sinais vitais (pressão, pulsação, respiração e temperatura), levar pacientes para fazer exames como radiografia e ultrassonografia. Chegavam a níveis práticos como passar sondas naso-gástricas, vesicais (o que compete ao enfermeiro e em sua ausência o técnico de enfermagem), cuidar da papeleta e prontuários médicos para coordenar os serviços, cuidar das ministrações das medicações gerais das clínicas médicas, clínicas cirúrgicas e isolamento, auxiliar nas pequenas cirurgias ambulatoriais ou na própria clínica (dissecção de veia, subclávia, etc.), fazer partos, instrumentar cirurgias, entre tantas outras atividades que envolvam a enfermagem atual. Executavam até mesmo o que hoje está delimitado como atividade médica (debridamentos, suturas, episiotomia em partos). Uma vez aprendido o ofício, o funcionário representava um investimento humano e profissional para a instituição. A engrenagem hospitalar não funcionada sem esse segmento.

No outono de 1995, eu era um jovem de 19 anos que abandonara o balcão de uma quitanda por motivos de doença. Recuperado da enfermidade, desempregado e concluindo o ensino médio, recebi o convite para fazer prova - iniciativa pioneira - para

a escolha de Atendentes de Enfermagem da Casa de Caridade de Carangola. Fui e fiz: primeiro lugar. Curso relâmpago no hospital com as Enfermeiras (na época só tinham duas com graduação para atender um hospital com mais de 150 leitos. Elas representavam uma novidade, visto que, até então quem coordenava a Enfermagem eram as irmãs de caridade), fiz estágio e quando menos esperei lá estava a trabalhar com a tão sonhada carteira assinada. Primeiros minutos de plantão: uma emergência. A clínica parou para o atendimento. A Enfermeira e o médico de plantão do CTI foram solicitados pelo sistema de som a comparecer à CMB (Clínica Médica B) considerada o Hospital Escola da instituição, o local “dos pobres” que não tinham condições de pagar o tratamento particular e não possuíam plano de saúde, lugar que “dava de tudo”: dos “loucos aos terminais”, um técnico, uma Atendente de Enfermagem com longa bagagem e dois novatos (um era eu) também Atendentes, todos ao redor do leito do paciente. Meu amigo que eu considerava “preparado”, pois já havia trabalhado em farmácia e sabia aplicar injeção no músculo, “amarelou” e tive que sentá-lo. Eu e ele estávamos petrificados! Depois da assistência dada e o óbito, médico e Enfermeira saem. A Atendente de longa experiência continua a ministrar a medicação aos outros pacientes que devido a emergência já estavam atrasadas e o técnico responsável pelas papeletas (pedidos médicos, prescrições, etc.) pergunta: - Vocês sabem fazer um tamponamento? Respondi que só sabíamos preparar um corpo na teoria. Ele disse: - Prestem atenção, pois só vou ensinar uma vez, mas primeiro limpem bem o paciente (estava todo evacuado). E completou: - Acho que isso vocês conseguem fazer... Ao nosso redor tudo era um caos: bandejas abertas e misturadas, gazes e compressas com sangue, material de entubação e aspiração espalhados e o soro que ainda pingava no moribundo. Dos sete selecionados, todos deixaram o hospital devido a dura realidade do serviço. Comecei a perceber que para ser um bom profissional deveria aprender com todos, inclusive com a “velha guarda” e sua episteme do saber cuidar. Esses Atendentes de Enfermagem, companheiros de lida, com anos de experiência me contavam histórias de um outro contexto espaço temporal e de um conhecimento empírico que se tornaria um trunfo e um desafio: o segmento Atendente de Enfermagem deixaria de exigir por força de lei. A enfermagem seria exercida pelos auxiliares, pelos técnicos ou pelos enfermeiros. Muitos como eu avançaram na profissão, passando a auxiliares e técnicos, mas muitos tiveram de deixar a profissão por não terem o mínimo de escolaridade, constituindo um “desperdício de experiência” (Boaventura de Sousa Santos).

Esses sujeitos, agora submetidos a uma realidade legitimada por uma lei, para permanecer na profissão deveriam fazer o curso de auxiliar ou técnico em enfermagem. Reflexos da Lei do Exercício Profissional nº 7498/86 que estabeleceu a profissionalização de todo o pessoal de enfermagem onde o segmento de Atendentes de Enfermagem se viu diante de um projeto de âmbito nacional, cujo objetivo era o cumprimento ao exposto em lei e ponto final! Em Carangola, instalou-se para toda região em 1996 o Curso de Auxiliar de Enfermagem pelo PROFAE (Programa de Formatação de Auxiliares de Enfermagem) e posteriormente o de Técnico em Enfermagem. Não havendo até então nenhum curso de iniciativa privada.

Assim, há todo um universo a ser pesquisado a respeito dos Atendentes de Enfermagem e o seu cotidiano dialético de “aprender-saber-fazer”. Voltados para uma realidade de experiência e atrelados a um contexto sócio-histórico específico passaram por um processo de mudanças paradigmáticas. Mesmo com uma política pública para adequação à nova realidade legalmente instituída, essa nova “proposta imposta”, era sustentada por um discurso com ênfase científica que supostamente reverteria todo um legado de subalternidade dos profissionais de enfermagem na história da saúde (nem que para isso fosse feito um desperdício de experiência para os que não tivessem o mínimo de estudo para se tornar um auxiliar ou técnico).

Esses “sujeitos obscuros”, expressão criada por Boaventura de Sousa Santos, constituíram a força motriz do atendimento de saúde de uma grande área da Zona da Mata, sul capixaba e noroeste fluminense durante décadas. Viraram-se numa situação de adaptação às exigências legais da profissão via capitalismo onde a ótica “real” neoliberal está distante do ideal humanista.

A Sociologia das ausências de Boaventura de Souza Santos onde se analisa o cunho colonialista, excludente que prioriza a cientificidade de maneira homogênea e *invisibilizadora*, produzindo o desperdício de experiência e a consequente produção de ausências de estudos universitários, bipolarizando o conhecimento entre o científico e a ignorância em uma “monocultura do saber e jogos do saber” elucida esta problemática.

O presente pré-projeto de pesquisa tem como objetivo específico investigar a episteme dos Atendentes de Enfermagem e como se deu a *invisibilização* e extinção do segmento profissional na perspectiva dos sujeitos envolvidos nesse processo. Pretende-se também identificar e analisar a memória social presente na instituição, a (des)legitimação desse processo de (des)construção via política pública como o PROFAE (de iniciativa do Governo Federal).

Para alcançar os objetivos será necessário recorrer às memórias dos profissionais que vivenciaram “a dor e a delícia de ser o que é” como poetisa Caetano Veloso, depoimentos, fotografias, autores que pesquisam a história da Enfermagem, legislação assim como documentos presentes na instituição.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

CARELLI, R. *Efemérides Carangolenses 1827 – 1959*, Viçosa – MG, Folha de Viçosa, 2002.

CERTEAU, M. *A Invenção do cotidiano a arte de fazer*. Petrópolis, ed. Vozes. 1998.

GODAR, J. DOBEDEI, V. (orgs.) *O que é Memória Social?* Rio de Janeiro, ed. Contra capa, 2005.

GODOY, A. *A Menor das Ecologias*. São Paulo: Edusp, 2008.

LE GOFF, J. 1924. *História e Memória/ Jacques Le Goff*. Tradução Bernardo Leitão... [et al] - Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990 (coleção Repertórios).

MELLO, M. B. C. de. *Da Fábrica ao Ateliê: Em Busca de Processos de Singularização e Invenção*.

PORTELLI, A. *Ensaio de História Oral*. São Paulo Letras e Voz, 2010.

SANTOS, B. de S. *A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência – 7º ed – São Paulo: Cortez, 2005.*

———. *Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências*. Em. Santos, Boaventura de Souza (org.). *Conhecimento Prudente para uma vida decente. “Um Discurso sobre as ciências” revisado*. Porto: Afrontamento, 2003.

TEIXEIRA, V. M. N. *De Práticos a Enfermeiros. Os Caminhos da Enfermagem em Belo Horizonte – 1897 a 1933*. Tese de Doutorado apresentado à UFMG, 2012.

PROPOSTA DE DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa histórico-documental será realizada examinando o universo e o cotidiano dos atendentes de Enfermagem. Para a coleta de dados, serão utilizados como fonte de pesquisa documentos existentes nos arquivos da Casa de Caridade de Carangola, nos depoimentos concedidos por pessoas que vivenciaram e pertenceram a esse seguimento extinto através de documentos autorizados pelos profissionais de acordo com as normas regulamentares vigentes no consentimento da imagem, ao som e a iconografia.

Como critério metodológico, inicialmente iremos evidenciar o contexto sócio-histórico da Casa de caridade de Carangola desde o pioneiro “ Enfermeiro” Xavier e a organização da instituição e da cidade para acolher os enfermos desprovidos de recursos. Assim, será feito o levantamento dessa instituição hospitalar destacando-se os agentes históricos Atendentes de Enfermagem/ Enfermeiros com análise de suas ações no espaço hospitalar, as características específicas do cuidar, o perfil desses profissionais e o cotidiano de suas atividades na arte de cuidar que vão além dos limites de uma escola técnica e/ou uma universidade, buscando inserir nesse estudo, os contextos histórico, social, educacional e antropológico do local ao global.

O desenvolvimento desse projeto acontecerá por meio de uma metodologia qualitativa, tendo como instrumentos de análise documental entrevistas e referências bibliográficas de autores que abordam a temática do mundo do trabalho da realidade capitalista, globalizada, neoliberal, excludente e a construção de um mundo onde impera a ordem científica e seleta, que obscurece sujeitos e saberes como Maristela Barenco Corrêa de Mello, Boaventura de Sousa Santos, Ana Godoy entre outros.

CRONOGRAMA

Etapa	2016	2016	2017	2017
-	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE
Levantamento de Referências	X	X	X	X
Análise e Revisão de Material		X	X	
Leituras e Fichamentos	X	X	X	X
Redação Inicial		X	X	
Qualificação			X	
Redação Final			X	X
Apresentação e Defesa Pública				X
Entrega da Versão Final				X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARELLI, R. *Efemérides Carangolenses 1827 – 1959*, Viçosa – MG, Folha de Viçosa, 2002.

CERTEAU, M. *A Invenção do cotidiano a arte de fazer*. Petrópolis, ed. Vozes. 1998.

GODOY, A. *A Menor das Ecologias*. São Paulo: Edusp, 2008.

LE GOFF, J. 1924. *História e Memória/ Jacques Le Goff*. Tradução Bernardo Leitão... [et al] - Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990 (coleção Repertórios).

PORTELLI, A. *Ensaio de História Oral*. São Paulo Letras e Voz, 2010.

SANTOS, B. de S. *A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência* – 7º ed – São Paulo: Cortez, 2005.

———. *Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências*. Em. Santos, Boaventura de Souza (org.). *Conhecimento Prudente para uma vida decente*. “Um Discurso sobre as ciências” revisado. Porto: Afrontamento, 2003.